

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO

A CONFERENCIA DE S. VICENTE DE PAULO.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Encyclica de S. S. o Papa Leão XIII, ácerca do Matrimonio* (conclusão); *A questão operaria, discurso pronunciado na egreja da Magdalena em Paris, a favor da junta central das associações catholicas, em 1 de fevereiro*, por Monsenhor Bispo de Angers.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *A perversão philosophica*, pelo Padre Chrispim Cactano Ferreira Tavares.—SECÇÃO HISTORICA: *O mosteiro de Leça do Balio.—O Beato Garcia Martins*, pelo P.º João Vieira Neves C. da Cruz; *Uma vingança do P.º Frei Agostinho da Anunciação*, por J. A. T. N.—SECÇÃO LITTERARIA: *A Cigana*, por D. Maria del Pilar Sinues, versão de J. de Freitas, (continuação); *Revista do movimento litterario*, por F. de Guimarães.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES, 30 DE ABRIL

A CONFERENCIA DE S. VICENTE DE PAULO

Quando o redactor principal d'esta Revista devesse escrever o artigo para este logar, andava elle, o padre que cuida mais dos outros que de si, atarefado em preparar as cousas para inaugurar n'esta cidade a Conferencia de S. Vicente de Paulo. Ficam, pois, os nossos leitores privados do artigo que costuma firmar o P.º Senna Freitas; mas em compensação tem as familias pobres de Guimarães, aquellas que se estorcem com os horrores da fome antes que estender a descarnada mão a im-

plorar o obulo da caridade, uma associação de verdadeiros catholicos, que vão de hoje em diante cuidar d'ellas, procurar allivial-as, roubal-as das garras medonhas da fome!

Pelas sete e meia horas da tarde do dia 19 do corrente, os vastos salões do palacete dos nobres condes de Villa Pouca estavam abertos e illuminados como que para grande festa. Ao vel-os assim, a jorrar torrentes de luz pelas elegantes janellas, e a julgar pelas carroagens que chegavam ás portas da aristocratica vivenda, dir-se-hia que os illustres titulares haviam convidado todo o Guimarães para assistir a alguma festa esplendida.

A pouco e pouco se foram enchendo as salas de gentis damas e cavalheiros, notando-se entre estes, representadas, todas as classes da sociedade vimaranense. Mas nada indicava uma d'essas festas que n'aquelles salões se costumam dar!—Finalmente a curiosidade de todos ia ser satisfeita. Um padre, envolto no humilde habito do missionario, chama com sua presença a attenção de todos, e com sua palavra inspirada prende todos os os pensamentos, enthusiasma todos os corações. Era o P.º Senna Freitas, que patenteava o fim d'aquella reunião, que inaugurava a Conferencia de S. Vicente de Paulo.

O discurso de s. exc.º foi o que são os seus discursos! N'uma linguagem corrente, desprentenciosa, mas prehe de elegancia, expoz os fins da Conferencia e os fructos espantosos que d'ella podem colher os desprotegidos de fortuna.

Em seguida fallou o snr. dr. Malheiro, de Braga, que veio, com outras pessoas, representar a Conferencia d'aquella cidade.

Foi eleito presidente o exc.º snr. dr. José Teixeira de Queiroz Botelho Pimentel e Vasconcellos, digno juiz de direito da comarca; secretario o ill.º snr. Manoel Maria Fructuoso, o mimoso poeta, que tem enriquecido as columnas da nossa Revista; thesoureiro o ill.º snr. Francisco Joaquim da Costa Magalhães, honrado e abastado negociante d'esta cidade.

E', pois, um facto, a Conferencia de S. Vicente de Paulo em Guimarães. Louvores ao digno Padre das Missões que tem feito surgir em varias terras do paiz esta pia instituição, em meio da descrença geral, em meio da «philantropia» do seculo, e que não se esqueceu tambem de que em Guimarães havia quem carecesse de se acotar sob a protecção do Santo da caridade.

SECÇÃO RELIGIOSA

ENCYCLICA

100

NOSSO SANTISSIMO PADRE

LEÃO XIII

PELA DIVINA PROVIDENCIA PAPA

AOS PATRIARCHAS, PRIMAZES,
ARCEBISPOS E BISPOS DE TODO O ORBE
CATHOLICO EM GRAÇA
E COMMUNHÃO COM A SANTA SÉ
APOSTOLICA

(Conclusão).

E tanto mais justo ora esse procedimento quanto mais que a Igreja catholica, ao passo que não pôde declinar em cousa alguma do sagrado cumprimento dos seus deveres nem deixar de defender os seus direitos, sempre se mostrou inclinada á benignidade e á indulgencia em todas as cousas que podem conciliar-se com a integridade dos seus direitos e com a santidade dos seus deveres.

E por essa razão ella jámais decidiu com respeito ao matrimonio cousa alguma que não estivesse em relação com o estado da sociedade e com as condições dos povos; e mais d'uma vez abrandou, tanto quanto podia fazel-o, as prescripções das suas proprias leis todas as vezes que causas justas e graves lhe aconselharam essa brandura.

A Igreja não ignora nem desconhece que o sacramento do matrimonio tem laços e relações necessarias com os interesses humanos, por isso que tambem tem por fim a conservação e o augmento da sociedade humana. E isto são verdadeiramente consequências do matrimonio, que tocam em materia civil, da competencia e alçada dos que estão á frente do Estado.

Ninguem duvida que Jesus Christo, Divino Fundador da Igreja, quiz que o poder ecclesiastico fosse distincto do poder civil e que cada um estivesse livre e desembaraçado para cumprir a sua respectiva missão, com a clausula, todavia, conveniente a cada um dos dous poderes e importante para o interesse de todos os homens, de que reinasse entre elles o accordo e a harmonia e de que, nas questões pertencentes, ainda que por motivos differentes,

ao juizo e á jurisdicção d'um e d'outro ao mesmo tempo, aquelle poder que tem a cargo as cousas temporaes e humanas dependesse opportuna e convenientemente do outro que recebeu o deposito das cousas celestes.

N'esto accordo e n'esta harmonia não se encontra sómente a melhor das condições para os dois poderes, mas ainda o meio mais opportuno e eficaz de concorrer para a felicidade do genero humano no que respeita á vida temporal e á esperanza da salvação eterna. Por quanto, do mesmo modo que a intelligencia do homem, conforme Nós demonstramos na Nossa Encyclica anterior, quando se harmonisa com a fé christã, se enobrece immenso e se torna muito mais apta para evitar e combater o erro, ao passo que a fé, pela sua parte, recebe da intelligencia um precioso auxilio: assim tambem, quando a auctoridade civil se harmonisa com o poder sagrado da Igreja em amigavel conformidade, este accordo proporciona necessariamente grandes vantagens aos dois poderes. A dignidade do Estado augmenta, na verdade, com isso; e, emquanto a Religião lhe servir de norma e guia, o governo será sempre justo; e ao mesmo tempo este accordo proporciona á Igreja auxilios de defeza e protecção, que redundam em proveito dos fieis.

Nós, inspirados n'estas considerações, e como já temos feito em outras circumstancias com todo o affecto, novamente exhortamos no presente, com vehemencia e ardor, os principes á concordia e amizade com a Igreja, e somos os primeiros a estender-lhes, por assim dizer, a mão com paternal benevolencia, offerecendo-lhes o socorro do Nosso poder supremo, cujo apoio é para elles tanto mais necessario n'este tempo quanto mais é certo que os poderes publicos, como que feridos d'um profundo golpe, existem enfraquecidos nas opiniões e sentimentos dos homens. Agora que os espiritos estão vertiginosos e inflamados por uma liberdade infrene; agora que sacodem com a mais funesta audacia o jugo de toda a auctoridade, ainda a mais legitima, a salvação publica exige que os dois poderes associem e converjam todas as suas forças para impedir as desgraças que ameaçam não sómente a Igreja, mas a propria sociedade civil.

Mas ao mesmo tempo que nós aconselhamos ardentemente a união amigavel e supplicamos a Deus, Principe da Paz, que inspire a todos os homens o amor da concordia, não podemos abster-nos, Veneraveis Irmaos, de despertar mais e mais, pelas Nossas exhortações, a Vossa actividade, zêlo e

vigilancia, que entendemos serem grandes. Empregae todos os esforços e toda a Vossa auctoridade para que entre o povo confiado á vossa fé na la venha corromper o quebrantar a doutrina que foi transmittida aos homens por Jesus Christo. Senhor Nosso, e pelos Apostolos, interpretes da vontade celeste, doutrina que a Igreja Catholica conservou religiosamente e que ordenou aos fieis de Christo a observassem do mesmo modo em todos os seculos.

Converjam os Vossos principaes cuidados e atenções para que os povos sejam abundantemente instruidos; para que tenham sempre na memoria que o matrimonio não foi instituido desde a sua origem pela vontade dos homens, mas sim pela auctoridade e preceito de Deus e com a lei absoluta de ser celebrado entre um só homem e uma só mulher; para que saibam que Jesus Christo, Auctor da nova alliança, elevou a instituição natural do matrimonio á dignidade de sacramento e que, pelo que respeita os vinculos conjugaes, deu á Sua Igreja o poder legislativo e judiciario. N'esta materia é summamente importante obstar a que os espiritos sejam induzidos em erro pelas enganosas theorias dos adversarios, que bem desejariam que este poder fosse usurpado á Igreja.

Da mesma fórma importa que todos saibam que, se entre os christãos teve logar alguma união d'um homem com uma mulher fóra do Sacramento, tal união não tem, nem o character nem o valor d'un verdadeiro matrimonio; e ainda que possa ser conforme ás leis civis, não tem, todavia, outro valor, que o d'uma cerimonia ou d'um uso introduzido pelo direito civil; mas o direito civil não pôde ordenar e regular senão aquellas cousas que prendem com o matrimonio na ordem civil e que evidentemente não podem produzir-se se não existir a sua verdadeira e legitima causa, isto é, o vinculo nupcial.

E' do maximo interesse que todas estas cousas sejam bem conhecidas dos conjuges e tambem que ellas sejam por elles bem comprehendidas de fórma que possam n'esta materia subgeitar-se ás leis, não so oppondo a ellas a mesma Igreja, que quer e deseja que os effectos do matrimonio sejam salvaguardados em toda a sua extensão e que os filhos não soffram nenhum detrimento. Mas no meio de tantas doutrinas confusas, que todos os dias se derramam cada vez mais, é egualmente necessario que se saiba que nenhum poder pôde dissolver entre os christãos um casamento rato e consummado e que, por conseguinte, incorreram n'um crime manifesto os conjuges que por

qualquer causa quizeram contrahir um novo casamento, antes que a morte haja dissolvido o primeiro.

Porém, se as cousas chegaram a ponto de que a vida em commum se torne intoleravel por mais tempo, então a Igreja permite a separação dos conjuges; põe em pratica todos os cuidados e todos os remedios convenientes á condição d'elles para minorar os inconvenientes d'esta separação sem jámais deixar de trabalhar no restabelecimento da concórdia da qual nunca desespere. Mas eis aqui extremos a que seria facil aos conjuges não descerem, se, em vez de se deixarem guiar pelas paixões, maduramente reflectissem sobre os deveres do matrimonio, sobre os seus fins nobilissimos e se houvessem casado com as intenções convenientes, abstendo-se de proceder este acto d'uma longa serie de delictos que attrahem as iras de Deus.

E, para dizer tudo em poucas palavras, será certa a constancia tranquilla e pacifica dos casamentos, se os conjuges nutrirem o seu espirito e a sua vida das virtudes da religião, que torna a alma valente e forte, que faz com que os defeitos, se n'elles existem, a divergencia de costumes e do caracter o peso dos cuidados maternos, a activa e laboriosa sollicitude pela educação dos filhos, as fadigas companheiras da vida e as adversidades sejam supportadas não só com paciencia, mas ainda de bom grado.

Cumpra tambem velar por que não sejam facilmente celebrados matrimonios entre catholicos e não catholicos, porque, desde o momento em que as almas vivam dissidentes em materia religiosa, difficilmente pôde esperar-se que os conjuges vivam concordes em tudo o mais. Antes pelo contrario cumpra que se abominem casamentos semelhantes, sobre tudo pelo motivo de que proporcionam occasião de se viver n'uma sociedade e de se participar de practicas religiosas, prohibidas, que são uma causa de perigo para a religião do conjuge catholico; que são, além d'isso, um obstaculo á educação dos filhos e muitas vezes conduzem os espiritos a considerar todas as religiões como eguaes, sem fazerem differença alguma entre a verdade e o erro. Finalmente, como Nós muito bem sabemos que ninguem deve ser estranho á Nossa caridade, recommendamos, Veneraveis Irmãos, á Vossa auctoridade, fé e piedade esses, em verdade muito infelizes, que arrastados pela estuação das paixões e completamente esquecidos da sua salvação passam uma vida contraria ás leis divinas nos laços d'uma união illegitima. Empregue-se a vossa habil actividade em reconduzir esses homens á senda do dever e já

por vós mesmos, já por intermedio de homens virtuosos, procurem todos os meios de fazer-lhes comprehender que são criminosos, que devem fazer penitencia das suas culpas e dispôr-se para contrahir um matrimonio legitimo segundo o rito catholico.

Facilmente vêdes, Veneraveis Irmãos, que estes ensinamentos e preceitos concernentes ao casamento christão que julgamos dever comunicar-vos, pertencem não menos á conservação da sociedade civil do que á salvação eterna dos homens.

Pruza a Deus que estes ensinamentos sejam recebidos com uma docilidade e submissão equal á grandeza do valor e importancia que encerram para as almas.

Para este fim invoquemos todos, n'uma prece humilde e ardente, a Bemaventurada e Immaculada Virgem Maria para que inspire aos espiritos a submissão á fé e Se mostre a Mãe e Auxiliadora dos homens. E supplicamos egualmente com o mesmo fervor a Pedro e Paulo, Principes dos Apostolos, Vencedores da superstição, Propugadores da verdade, supplicemos-lhes que salvem pelo seu poderosissimo patrocínio o genero humano da inundação dos erros renascentes.

Entretanto, como presagio dos favores celestes e como penhor da Nossa singular benevolencia, Vos concedemos do fundo do coração, a todos Vós, Veneraveis Irmãos, e aos povos confiados á vossa vigilancia, a Bênção Apostolica.

Dada em Roma junto de S. Pedro a 10 de fevereiro de 1880, ao segundo anno do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

A QUESTÃO OPERARIA

DISCURSO PRONUNCIADO
POR MONSIEUR BISPO DE ANGERS
NA EGREJA DA MAGDALENA, EM
PARIZ, A FAVOR DA JUNTA CENTRAL
DAS ASSOCIAÇÕES CATHOLICAS,
EM 1 DE FEVEREIRO DE 1880.

*Fidelis sermo est; et de his
voto te confirmare, ut curent
bonis operibus Deo: haec sunt
bona et utilia hominibus.*

«E' uma verdade certa e na qual desejo que confirmeis aquelles que creem em Deus, afim de que tenham cuidado de se collocarem á frente das boas obras: são estas as cousas verdadeiramente boas e uteis aos homens.»

EP. A' TITE, III, 8.

Meus irmãos:

Ha alguns mezes que uma escolhi-da assembleia se reunia em minha cidade episcopal. Não era a sciencia nem a politica que juntava estes homens vindos dos diversos pontos da França e mesmo do estrangeiro. Nada d'aquillo que agita a opinião, na hora presente, se misturava ás suas deliberações. e todavia tambem elles tratavam uma das mais graves questões que se tem apresentado diante do mundo moderno. Mas elles tratavam-na sob as vistas de Deus e como irmãos que não tem senão um coração e uma alma. Padres, industriaes, economistas, directores de officinas, representantes das grandes familias francezas, estavam alli, n'uma estreita communhão de vistas procurando os meios de melhorar a situação religiosa, moral e material da classe operaria. Desde as instituições que protejem a juventude do aprendiz, até áquellas nas quaes o trabalhador acha abrigo para seus cansados dias, a tudo estendiam suas vistas, tudo estudavam á luz da fé e da razão christã, lembrando-se das palavras do apostolo que tomei para texto: «E' uma verdade incontestavel e na qual desejo que confirmeis aquelles que creem em Deus, afim de que tenham cuidado de se collocarem á frente das boas obras: São estas as cousas verdadeiramente boas e uteis aos homens: *haec sunt bona et utilia hominibus.*»

Ha perto de um quarto de seculo, que este grande spectaculo se reproduz cada anno sobre um ponto da França, e todas as cidades onde elle se tem successivamente renovado, tem guardado d'elle uma profunda recordação. Mas no intervallo d'estas sessões periodicas da fraternidade christã, era preciso que uma instituição permanente pudesse formar um só feixe de tantas obras diversas, tornando-se para todas um laço de união. E como esta capital é um centro da actividade a que nenhum iguala, é no meio d'ella que devia residir uma commissão destinada a levar ao longo a animação e o conselho: commissão de iniciativa, podendo segundo as circumstancias dar o impulso a tudo o mais. A junta central exerce este officio a respeito das associações operarias disseminadas por toda a França. Ora uma missão tão extensa não se concebe sem alguns recursos, que permittam des-empenhá-la com resultado. Eis aqui porque eu vim a esta egreja, á qual me ligam tão preciosas recordações, para recorrer á vossa generosidade em favor d'uma instituição que, pela

importancia de seu objecto, merece as vossas mais vivas sympathias.

Seguramente, meus irmãos, ha muitas questões que vos preoccupam n'este momento e muitas necessidades que tendes obrigação de satisfazer. Sem fallar do rigoroso inverno que atravessamos e que traz consigo tantos soffrimentos e misérias, a situação geral do paiz, augmentando as vossas causas de inquietação vos cria perigos que vão augmentando dia para dia. Vossas eschololas christãs, já não conseguis sustental-as senão á força de sacrificios; pertendem não deixar vossos collegios abertos aos vossos filhos senão com a condição de os fechar aos mestres da vossa escolha; muitos queriam banir de vossos hospícios e estabelecimentos de caridade a religiosa e o padre; e nada fica, nem mesmo as vossas egrêjas, onde elles não procurem penetrar sob pretexto de lhes examinar as rendas. Vós assistis com o coração saturado de dôr a estas emprezas desastrosas que, se os poderes publicos não vierem pôr-lhe obstaculo, attingirão todas as edades e todas as condições: o menino na sala do asylo, a donzella na casa de educação, o adolescente sobre os bancos do collegio, o velho á beira do tumulo, o enfermo sobre o leito de dôres, o soldado no exercito, o professor na eschola e o magistrado no tribunal. Ninguém seria poupado n'um trabalho que tem por fim deschristianizar a sociedade d'alto a baixo e por todos os meios.

Pois bem, por mais graves que sejam estas questões, ellas não devem fazer-nos esquecer uma outra que pela sua parte tambem tem uma importancia mui grave, se é verdade que se não confunde com as precedentes: mas questão tão prenhe de inquietações para o presente como de ameaça para o futuro; uma questão que se não resolve negando-a, porque ella impõe-se por si mesma a quem tem olhos para vêr e ouvidos para ouvir; uma questão tanto mais formidavel quanto agita as multidões, quer seja para nellas enterter um surdo descontentamento, quer seja para lhe fazer rebentar, por intervallos, terriveis tempestades; uma questão enfim, que cedo ou tarde, se com ella não houver cuidado, se tornará a grande questão do tempo: eu quero fallar da questão operaria. Como é que surgiu a questão operaria? em que consiste a sua gravidade? em que póde a religião contribuir para resolvê-la? E' isto o que tenho designio de mostrar n'este discurso.

I

Era cousa admiravel, meus irmãos,

no ponto de vista religioso e moral a organização do trabalho nos seculos christãos da idade media. Depois de terem proclamado os principios que deviam fazer passar gradualmente a escravidão para a servidão, e a servidão para a alforria completa do trabalhador, a Egreja tinha acabado por fazer triumphar na classe operaria como em tudo o mais a tão grande lei, a lei eminentemente fecunda da associação. Sob a influencia das ideias de aproximação e de fraternidade, que ella derramava no mundo, havia-se operado para cada mister, para cada profissão, um agrupamento de forças e de vontades individuaes em torno d'um só e unico centro de acção. Tinha-se sentido que para ser forte precisava-se da união e que n'esta união moral dos trabalhadores d'uma mesma ordem havia uma garantia e uma protecção para todos: *Vincit concordia fratrum*. Sem absorver o individuo no corpo social e deixando-lhe toda a liberdade de mover-se e de operar á sua vontade, o trabalho tornava-se mais ou menos uma cousa commum, á qual cada um levava a sua energia propria ao mesmo tempo que encontrava n'elle sua fortuna e sua honra. Homens tão estreitamente unidos pelos laços profissionais não podiam deixar de ser solidarios uns dos outros, quer se tratasse dos seus interesses, quer de sua reputação. N'um tal estado de coisas havia logar para os fracos e para os fortes; e a riqueza ou a intelligencia, em logar de ser uma causa de ruina para alguém, volvia em proveito de toda a gente. Bem depressa o mesmo mister era em uma mesma cidade, para aquelles que o exerciam, um signal de união e o principio de uma associação onde todos se encontravam, se respeitavam e se amavam. Tal foi no decurso de seis seculos o aspecto d'esta grande e bella instituição que se chamou na historia da economia christã a corporação operaria.

Não poderia entrar em meu assumpto, assim como nas tradições d'esto pulpito, mostrar-vos lo que a corporação operaria tem podido produzir no ponto de vista da arte e da industria. De certo, uma organização do trabalho d'onde saíram nossas maravilhosas cathedraes, com tantas outras obras primas de todo o genero, que nem nos deixaram mais que o merito da imitação, uma tal organização, digo, deu sufficientemente as suas provas para toda a serie dos seculos. Mas o que o ensino christão tem direito de conservar para a instrução das classes operarias, é o resultado moral d'estas associações, onde a unidade do trabalho produzia a união dos corações.

E antes de tudo, havia alli uma garantia poderosa que desde o aprendiz ao companheiro, e desde o companheiro ao mestre, impunha a mesma regra a todos os membros da corporação, dispondo-os sob o imperio d'uma disciplina severa. O patronato ou maestrado creava uma verdadeira paternidade social, exercendo-se com tanta mais segura auctoridade quanto que um talento seriamente provado criava uma condição necessaria para o tornar legitimo. Nada escapava a esta censura moral, livremente accete, e que no interesse de todos se tornava extensiva á conducta de cada um, desviando os incapazes e os indignos para conservar no corpo inteiro, juntamente com a integridade do renome, a estima e a confiança publica.

Estatutos postos ao abrigo das leis e garantidos pela santidade do juramento; um cuidado cioso de defender os direitos e de manter intactas as tradições do mister; uma vigilancia constante para salvaguardar «a lealdade da obra» segundo a bella palavra do tempo; soccorros assegurados á velhice, á enfermidade e á pobreza: eis ahí o que fazia de cada corporação operaria uma familia onde pequenos e grandes achavam apoio. Ninguém poderia contestar a vantagem moral de semelhantes instituições! Segui-as em todo o curso de sua longa historia: não achareis alli nem grèves, nem sublevações, nem colisões sanguinolentas entre os trabalhadores d'uma mesma ordem.

O sentimento da confraternidade tinha adquirido tal força que nem o odio, nem a inveja conseguiram destrui-lo.

(Continua).

SECÇÃO SCIENTIFICA

A perversão philosophica

Em 1878 publicou-se em Coimbra uma obra intitulada: «Direito constitucional Portuguez - Estudos sobre a carta constitucional de 1826 e acto adicional de 1852 por L. P.»

Não é mister lêr muitas paginas dessa obra perniciosissima para se conhecer que o auctor d'ella tem um odio satânico á religião catholica (1) desgraçado auctor, que compoz essa obra «por entre o cumprimento (o gripho é nosso) d'outras obrigações escholares» como elle mesmo confessa, não só cobre de insultos o catholicismo, mas tambem inculca aos lei-

tores uma multidão d'obras as mais detestaveis.

O escrevinhador da obra mencionada, que cobriu a cara para mais desafortadamente guerrear a verdade e defender o erro, quer que «o estudo da philosophia seja elevado á sua verdadeira altura» e os auctores que indica para esse estudo são racionalistas, scepticos, ontologistas e pantheistas.

Krause, ontologista e pantheista perfido e hypocrita, é um dos auctores por quem o tal L. P. mostra especial predilecção. Eis suas proprias palavras :

«Parece-nos visivel, que sobre tudo o systema philosophico de Krause ainda não é devidamente apreciado entre nós, e é para sentir que não nos tenham servido de estimulo os trabalhos levados a bom fim pela nossa vizinha Hespanha a proposito, designadamente, da philosophia de Krause.»

Que «trabalhos» são esses que a vizinha Hespanha tem «levado a bom fim a proposito, designadamente, da philosophia de Krause?» São acaso os escriptos hediondos e abominaveis de D. Julian Sanz del Rio que tem sido brillantissimamente refutados pelos sabios mais abalisados d'aquella nação? E D. Julian é acaso a Hespanha? E D. Miguel Sanchez e D. Zepherino Gonzalez e D. Juan Manuel Orti y Lara e outros escriptores eminentissimos que tem patentado toda a hediondez do krausismo não serão dignos de menção?

Que má fé a dos inimigos da verdade! Exaltam até ás nuvens os escriptores que defendem erros os mais perniciosos e não dizem uma só palavra dos que os refutam!

Já que o snr. L. P., de Coimbra, mostra tantas sympathias pelo systema philosophico de Krause, procuraremos patentear o fundo de perversidade e de malicia que encerra tal systema.

Krause, como já notamos, é ontologista e pantheista.

Krause em seu orgulho insano pretende ter a intuição de Deus ou visão do ser que chama Deus. Este erro chama-se ontologismo e não é novo.

Já no IV seculo Eunomio e Aecio sustentaram esse erro, que foi victoriosamente refutado por S. João Chrysostomo, S. Basilio, S. Gregorio Niseno, S. Ambrozio, S. Epiphania e outros.

O mesmo erro, foi resuscitado no seculo XIV pelos Beguardos e Beguinos e foi condemnado por Clemente V. no concilio de Vienna.

O mesmo erro sustentado no se-

culo actual por diversos *sabios* e sob varias fórmas, foi em 1861 condemnado pela congregação do Santo Officio.

Este mesmo erro é condemnado pela verdadeira philosophia e até nossa mesma consciencia protesta contra elle. Não, o entendimento humano não póde *só pelas forças naturaes* vêr a Deus intuitivamente.

Quem quizer conhecer os argumentos com que os verdadeiros philosophos costumam combater o ontologismo leia Brin, Sanseverino, Libertore, Zepherino Gonzalez, Lara e Cornoldi.

O ontologismo conluz logicamente ao pantheismo, e Krause effectivamente, além do ontologista, é tambem pantheista.

O pantheismo, como diz o eruditissimo Zepherino Gonzalez, é a grande heresia do seculo XIX.

O pantheismo, diz Sanseverino, tem-se diffundido do tal maneira em nossos dias, tem estendido tão rapidamente suas raizes em todas as direcções, que lançou a perturbação a mais profunda não só nas sciencias metaphysicas, mas tambem nas sciencias moraes, nas sciencias naturaes e physiologicas e até na historia, na litteratura e nas artes.

O pantheismo, diz o illustre Balmes, não é mais que um atheismo disfarçado. Affirmar que Deus é tudo e que tudo é Deus; que não existe mais que uma substancia, e que tudo quanto vemos, ainda que pareça multiplo, é uma manifestação da mesma, n'isto consiste o pantheismo; e isto é negar a existencia de Deus. Por quanto se Deus se confunde com a natureza, se fórma com esta uma unica substancia (como impiamente dizem os pantheistas), não ha Deus no verdadeiro sentido d'este nome; ha a natureza, ha uma força secreta que se desenvolve sob diversas fórmas, mas não um ser intolligente, livre, todo poderoso, infinito, distincto do universo, que é o que entendemos pela palavra *Deus*.

«E' preciso, accrescenta o mesmo philosopho, que os jovens não se deixem allucinar por certos escriptores, que, ensinando o pantheismo, fallam todavia de Deus; este Deus de quem fallam é a substancia que fingem unica, na qual suppoem que está tudo, não como o effeito na causa, mas como as modificações no sujeito, como as fórmas no que se transforma.»

Sim, os pantheistas fallam em Deus, mas esse Deus não passa de uma concepção sem realidade objectiva.

Não, o Deus dos pantheistas não é o Deus verdadeiro e vivo, Creador e Senhor do ceu e da terra,

omnipotente, eterno, immenso, incomprehensivel, infinito em entendimento, vontade e em todas as perfeições, real e essencialmente distincto do mundo.

Não, o Deus dos pantheistas não é o verdadeiro Deus, a quem adoramos e servimos e a quem reconhecemos por nosso creador, legislador e remunerador.

Dissemos que Krause é pantheista: nada mais facil de provar: elle mesmo nos subministra as provas: ouçamol-o:

«Fôra do ser infinito e absoluto, diz Krause, não póde ser pensada nem ainda a cousa mais minima. Se alguma cousa *existisse fôra do ser infinito* (o grifo é nosso), *absoluto seria pensada como distincta d'elle, como sendo alguma cousa que não seria o ser infinito e absoluto; e este seria portanto pensado como não sendo tudo*».

D'aqui se vê, que, segundo Krause, Deus é tudo e tudo é Deus!!!

Ouçamol-o ainda:

«Entanto, pois, que pensamos a Deus como o ser *identico, fôra do qual nada existe*, pensamos a Deus, como absoluto». Que linguagem tão impia e tão absurda! Mas ouçamol-o ainda:

«Os seres do mundo são essencia mesma de Deus...»

Basta. Não precisamos fazer mais transcrições para se conhecer que Krause é um impio hypocrita e perfido, que, não obstante fallar em Deus, professa o hediondo e abominavel atheismo, embora disfarçado.

Segundo o impio systema de Krause tudo é Deus; todas as cousas são partes de Deus e nós mesmos somos tambem divinos!!!

A razão humana protesta contra o impio krausismo. Não, nunca se persuadirá ao espirito humano, diz Zepherino Gonzalez, que são uma mesma cousa a causa e o effeito, a actividade e a potencialidade, a materia e o espirito, a liberdade e a fatalidade, o bem e o mal, a verdade e o erro, em uma palavra, o ser e o não ser. E todavia, se, como dizem os pantheistas, não ha mais que uma só substancia, se ha identidade absoluta do ser, se tudo é Deus e Deus é tudo; se Deus constitue a substancia e o fundo de ser de todas as cousas, é preciso admittir todos esses absurdos; porque o pantheismo é a affirmação de todos elles. E' por isso que vemos a este systema proceder muitas vezes vacillante e marchar com passos incertos, affirmando

e negando ao mesmo tempo: é que descobre em seu fundo o atheismo e recua espantado da sua vista.

O perfido Krause impiamente divinisa as creaturas suppondo-as formadas do mesmo ser divino, e degrada este ser reduzindo-o á condição das cousas deste mundo, que é o mesmo que negar a existencia do verdadeiro Deus e reduzir toda a realidade á meramente cosmica, reproduzindo o conceito gentílico da materia eterna, e attribuindo ao acaso a ordem e belleza que reinam no universo. Que differença ha pois entre esta doutrina e o horrivel atheismo de H. H. Bach e Cabanis? A unica differença que ha é que Krause é muito mais malvado e hypocrita que os atheus do seculo passado.

É este *philosopho* que o L. P. de Coimbra, inculca com grande zelo aos seus leitores!!!

No artigo seguinte mostraremos a summa perfidia de Krause em procurar fazer crêr a seus leitores que sua impia doutrina está em harmonia com a doutrina catholica.

P.º *Christim C. Ferreira Tavares.*

SECÇÃO HISTORICA

O Mosteiro de Leça do Balio

O Beato Garcia Martins

I

Em distancia de 7 kilometros ao Norte do Porto, nas formosas margens do brando e ameno rio de Leça, está situado o antigo mosteiro de Leça do Balio.

Este edificio respeitavel, rico de lembranças de religião e de gloria, hoje votado ao abandono e ao desprezo, é um dos mais bellos monumentos nacionaes, digno de ser visitado por todos os que amam as nossas antigas glorias. Ninguem o pôde vêr sem admirar uma obra tão magnifica e primorosa.

É notavel a igreja e casa de Leça do Balio, templo gothico, de extensas e magestosas dimensões e de architectura meio religiosa, meio guerreira. Foi mosteiro e hospital da ordem militar de S. João Baptista de Jerusalem.

A igreja actual e parte da casa, chamada o *Paço*, antiga residencia dos Balios, desfigurado resto do antigo convento dos Freires, elevou-se sobre as ruinas d'um convento de

benedictinos, seus primeiros donos e habitadores. É sem fundamento a opinião d'alguns escriptores, que pretendem que o mosteiro de Leça tinha portencido primeiramente aos cavalleiros do Templo.

Por muitas vezes tenho visitado este magestoso monumento, obra prima da architectura do seu tempo. Traspõdo os umbraes do Augusto edificio, não pôde o espectador deixar de condemnar o vandalismo do seculo actual.

Talvez, que d'aqui a não muitos annos este edificio apenas apresente magestosas ruinas aos curiosos, e o seu nome aos sabios, nas paginas da historia.

Quando não existir senão o nome e os escombros d'este mosteiro, a quem a lima gastadora dos seculos e a *barbaridade* dos povos chamados grosseiros, respeitosa e conservou; quando não existirem senão ruinas d'este mosteiro, a quem a sua solidez fazia emulo dos tempos — que dirão os nossos vindouros, sabendo que homens, que se dizem illustrados, por um criminoso desprezo e abandono, votaram á destruição, se é que não apressaram com mão sacrilega a vagarosa acção do tempo, esse monumento?!

A posteridade, juiz imparcial e severo, proferirá uma terrivel e irrecusavel sentença, e decidirá sem replica a quem compete o nome de grosseiros e barbaros; se aos homens que fizeram taes obras, e que as conservaram, se áquelles que as abandonam e destroem!

É, com effeito, para lastimar que muitos dos edificios de Portugal, mais ricos de arte, e de recordações gloriosas, sejam condemnados, por uma geração que se diz civilisada, uns ao abandono, e entregues ás injurias do tempo, outros ao alvião sacrilego.

A igreja e casa de Leça do Balio é um monumento a que se casam tradições, que nos traduzem o vigor da crença na religião de Christo, crença que nossos maiores revelaram em todos os seus feitos e acções.

Este vasto edificio logo ao primeiro relance de vista apresenta as feições d'uma obra religiosa e militar. Muitos sabios antiquarios tem visitado este braço de respeitavel antiguidade; tem observado estas pedras musgosas e meio carcomidas que apenas formam o esqueleto do primordial edificio.

Apezar d'isto, o mosteiro de Leça, tão celebre por muitos titulos, é quasi desconhecido; e o que d'elle resta, bem como a igreja actual, jaz em completo abandono, como se fôra um ignobil montão de ruinas, destituídas

de gloriosas recordações historicas!

O actual abbade da parochia de Leça do Balio, o dr. Antonio dos Santos Lessa, por varias vezes tem sollicitado do governo um subsidio pecuniario para conservar este monumento nacional: mas nada tem conseguido!!

Ignora-se a data precisa da fundação d'este venerando mosteiro, e só se sabe que já existia no seculo X, compondo-se então d'uma pequena igreja e d'um convento de freires e de freiras da Ordem de S. Bento. No anno de 986 eram padroeiros do mosteiro, Tructesindo Osere-des e sua mulher Dona Unisco Mendes.

Julga se provavel que o pae ou avô d'este Tructesindo fosse o fundador do mosteiro, pelos annos de 900, pouco mais ou menos.

Assim se foi conservando até á re-gencia da rainha Dona Thereza, viuva do conde D. Henrique; n'este tempo foi introduzida em Portugal a Ordem de S. João de Jerusalem ou do Hospital, vulgarmente chamada Ordem de Malta.

Segundo Antonio do Carmo Velho de Barboza, abbade de Leça do Balio, na sua *Memoria Historica do Mosteiro de Leça*, que imos seguindo, succedeu o que deixamos referido entre os annos de 1112 a 1128.

Não se sabe se n'essa epocha o convento de Leça ainda era habitado; mas é certo que o mosteiro ficou desde então pertencendo á Ordem de Malta.

Foi esta a primeira casa que os cavalleiros do Hospital tiveram em Portugal, e é igualmente certo que foi a cabeça da Ordem no nosso paiz, por muitos seculos. Aqui fizeram vida conventual até que esta Ordem foi extincta no seculo XV.

No fim do seculo XI, sendo abbade do Mosteiro de Leça D. Guntino, foi reedificada a igreja, por estar muito arruinada em consequencia de ser originariamente mal construida, e não por muita antiguidade.

No principio do seculo XIV construiu-se o novo templo que ainda permanece actualmente. Foi mandado edificar por D. fr. Estevão Vasques Pimentel, então balio de Leça, que está alli sepultado.

Esta obra, grandiosissima, em relação á epocha em que foi feita, se concluiu em 1336, no reinado de D. Affonso IV.

A par do templo, fez o mesmo balio construir uma torre forte e elevada, com todos os preceitos e condições da arte da guerra, para defesa dos Freires e do mosteiro. Ha bastantes annos que serve de torre dos

sinos: mas bem se vê que não foi esse o seu primeiro destino.

No fim do seculo XVI, o balio D. fr. Luiz Alvares de Tavora, procedeu a muitas obras no Paço, reedificando e ampliando as antigas.

(Continua.)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

Uma vingança do P.º Fr. Agostinho da Anunciação

Por mais que se diga d'este heros do Varatojo, tudo será pouco para honrar e fazer conhecer este grande vulto de nossos dias. Grande pela sua humillidade, a ponto de nunca consentir que lhe tirassem o retrato a fim de não ser conhecido; mas semelhante á violeta que quanto mais escoda sua flor mimosa, mas seu aroma delicioso a descobre, assim fr. Agostinho escondendo sua virtude, mais Deus o fazia conhecer aos homens de bem, e hoje existe seu retrato sem que em tal nunca elle tivesse pensado. Grande pela sua pobreza, pois muitas estão hoje ricos pela posição e educação que lhes deu e procurou: e apesar de ser confessor de D. Izabel Maria nunca teve relógio nem cadeia d'ouro, ostentação de luxo e de vaidade. Grande pela sua abnegação constante, pois tendo-lhe sido em varias occasiões offerecida a mitra, nunca consentiu em tal proposta. Grande pelas suas mortificações;—não fallou das de sua vida monastica, para conhecer as quaes basta attender-se a que é um varatojano, um filho de S. Francisco; mas fallou de suas mortificações interiores e moraes que os inimigos da virtude e do bem lhe occasionavam: basta dizer que o seu nome também se encontrou n'uma lista dos victimados que uma loja maçónica tinha decretado, mas que para bem da religião Deus não permittiu que taes intenções fossem executadas. Grande pela paciencia, que mostrou em differentes e numerosas contradicções que teve na fundação de suas obras pias, e por isso alcançou sempre victoria:—*vir patiens loquitur victorias*. Era um homem apostolico, um verdadeiro discipulo do Divino Mestre. Grande foi fr. Agostinho pelas suas virtudes occultas que um dia se patontearão á face do mundo inteiro; mas grande sobretudo pela sua caridade, virtude característica d'este homem de Deus. Sua caridade não tinha limites; os orphãos de S. Fiol, as orphãs que alli existiram algum tempo

tambem, os pequeninos, os adultos, os miseraveis, os ingratos, os seus proprios inimigos conheceram o que era a caridade de fr. Agostinho

Ahi vae um facto para mostrar aos que não podem ver frales como fr. Agostinho se vingava de seus inimigos:

Dirigia-se um dia fr. Agostinho, de Torres Vedras a Lisboa, e encontrasse na diligencia com um dos muitos deventados impios e blasfemadores da religião e de seus ministros. Sem conhecer fr. Agostinho, principia aquelle uma diatriba furibunda contra a religião, contra os padres e sobretudo contra o proprio fr. Agostinho, contra o confessor de D. Izabel, accusando-o de lalcaçia. Sr. Infanta, alcançando-o de astuto, que sabia illulilla com o beaterio e onchella de fanatismo a fim de melhor obter seus fins. O revl.º fr. Agostinho guardou sempre o incognito e sem desculpar de modo algum o confessor de D. Izabel, defendeu como pante a religião injuriando a pelos insultos e blasfemias que contra ella proferia o seu companheiro de viagem

Depois de muitas injurias e sarcasmos contra o humilde varatojano, este foi habilmente desviando a conversação até poder conhecer o fim que levava o seu inimigo a Lisboa. Pretendia esse individuo um logar de importancia de D. Izabel Maria: mas—«que em quanto ella tivesse por confessor a fr. Agostinho nada alcançaria, dizia elle, porque sem o consultar nada fazia a infanta: ora como o tal fral sabia conhecer todos os pretendentes a seus favores, e como elle não era fanatico nem beato, nada alcançaria porque o dito confessor só protegia os beatos e os que cheiravam a frades»; e eis o odio de morte que o incognito tinha ao fr. Agostinho, sem o conhecer sequer. Chegam a Lisboa os viajantes, despedem-se, separam-se, e cada um vae para seus negocios e affazeres; mas fr. Agostinho apressa-se a ir a Bemfica e o primeiro conselho que dá á sua penitente D. Izabel Maria é de alcançar um tal lugar para um individuo, que não tardará a vir sollicital-o a Sua Magestade. Quando o alludido pretendente chegou, já estava servido. Imagine-se qual não foi a sua surpresa e admiração ao saber que o seu protector tinha sido o tal fr. Agostinho que elle odiava de morte e tinha coberto de insultos durante toda a sua viagem.

Eis como aquelle santo varão se vingava, a exemplo do seu Divino Mestre; eis como se vingam todos os varatojanos, todos os filhos de S. Francisco. Ha 50 annos que os conventos

se fecharam e se demoliram; e ainda existe quem se assusto, quem trema e a quem se arripian os cabellos só ao ouvir fallar em frades! Desgraçados tempos!! Nunca Portugal teve cidadãos, nunca rei algum teve subditos, mais zelosos da patria do que elles.

O povo portuguez é religioso, quer paz e não a guerra, quer a religião e não a revolução, quer n'uma palavra, a verdadeira liberdade, e não a barbaridade que a destruiu; das ordens religiosas trouxe ao desgraçado paiz, que tantos exemplos e lições de civilização deu out'ora, não só á Europa, mas a todas as nações do mundo.

J. A. T. N.

SECÇÃO LITTERARIA

A GIGAMA

POR

D. MARIA DEL PILAR SINUES

Versão livre

DE

J. DE FREITAS

VI

(Continuado do n.º 12)

E apesar de tudo isto, em meio de tantos cuidados que o amor de mãe, e os bens de fortuna lhe dispensavam, o seu aspecto ora triste, e tão triste, como se alguma dôr opprimisse seu coração na feliz idade dos brinquedos e das alegrias de creança.

Poucos instantes havia que as mysteriosas viajantes repousavam, quando um rumor de passos e vozes se ouviu no corredor para onde davam as portas da habitação onde estavam, parecendo á marquezia ouvir alguns soluços comprimidos, saídos d'um peito juvenil.

—N'esta casa acontece alguma grande desgraça, disse a marquezia para Valeria, que já se achava um pouco melhor; e abrindo a porta, assomou o rosto com precaução a vêr se sabia o que se passava.

Izabel, que amava devéras a sua senhora, entrava e sabia em todos os quartos, com ar estraviado; os creados como aturdidos, corriam d'uma para outra parte, e um homem,

que pelo trajar parecia medico, sahio apressado d'um quarto para entrar no aposento da enferma.

A marquez, que tinha um coração tão bom que a não deixava ver indifferente as desgraças alheias, sahio ao corredor, e aproximou-se do aposento que julgava da doente, esperando alguém a quem pudesse offerecer seus serviços.

Pouco tardou em apparecer o medico, a quem se dirigiu sem vacillar. Este, que nada sabia do que se passava n'aquella casa, ficou surprehendido ao ver ante si aquella dama tão bella e tão distincta.

— Senhor, disse ella: sei que n'esta casa, onde me acolheram, por se nos haver quebrado a carroagem, ha alguém em perigoso estado, e eu, que não posso permanecer aqui sem que partilhe dos desgostos que soffre esta familia, pedia-vos, senhor, me informasseis de que é que soffre, e ao mesmo tempo me indicasseis o que eu poderei aqui fazer.

— Aqui, senhora, soffre mais que uma pessoa, contestou o medico com melancolico accento; os enfermos agora são tres: a senhora da casa, seu filho, e um velho mendigo que por caridade aqui foi recolhido esta noite.

— Ai meu Deus! tres pessoas enfermas?!

— Sim, senhora.

— Mas, diga-me, qual a de mais gravidade?

— A senhora, sem duvida; porque ha muito tempo que me está confiada e vejo que de dia para dia mais se arruina a sua saude, sem que os recursos da sciencia possam nada para o evitar. Ontem soffreu uma crise espantosa, e hoje vejo em grande perigo sua vida.

— E quem tem o cuidado de velar por ella?

— Unicamente a sua creada particular.

— Oh! exclamou a dama dolorosamente; só uma pessoa estranha, mercenaria, é que obedesse ás vossas determinações? Não tem, essa pobre senhora, uma pessoa de familia, que n'esta occasião lhe dispense com interesse todo o carinho, todos os cuidados de que o seu estado carece?

— Não, senhora.

— Isso é atrozmente cruel, cavalheiro, e tão cruel que me commove só em ouvil-o.

— A' pobre mãe resta-lhe apenas no mundo um filho, uma criança, quasi, porque não conta mais que dezeseis annos; mas o infeliz, em consequencia, talvez, da fadiga, dos desgostos que tem despedaçado seu coração, cahiu ha pouco com um desmaio.

— E não recuperou de novo os sentidos?

— Sim, senhora; mas em um estado tão afflictivo, tão abatido, que, recio bastante por elle, e muito me assusta o seu estado.

— Desgraçados! murmurou a dama com um accento em que patenteava a profunda commiseração, e a ternura que trasbordava a sua alma. Oh! eu comprehendo assaz o que é sentir a falta de familia, o estar só no mundo! prosequiu elevando um pouco a voz; porém, como querendo corrigirse, acrescentou: não digo bem, e creio até que offendi com minhas palavras a divina Providencia, a quem devo o conservar a meu lado generosos e excellentes amigos.

— Esta desgraçada senhora nem amigos tem.

— E' possível, meu Deus!

— Desde que ha seis annos aqui chegou, vir da França, vive na mais profunda solidão.

— Oh, meu Deus! então eu devo correr a seu lado! Sim, dr. conduza-me para junto d'ella, e euarei sua amada enfermeira.

— Será uma obra, senhora, de extraordinaria caridade, porque me parece, que esta senhora além de estar extremamente enferma, é também muito desgraçada.

E o medico deu o braço á marquez, que continuou:

— Queira dignar-se entrar n'este aposento onde decaença minha filha, e depois de saber a opinião do doutor acerca do seu estado, poderia mais tranquillamente afastar-me de seu lado e dispensar meus cuidados á lorde dona d'esta casa.

E assim fallando penetravam onde estava a fermosa criança.

Os primeiros raios do sol quebravam-se nas vidraças da janella, sem que podessem penetrar onde decaçava Valeria, porque cerradas eram ainda as portas interiores.

Foi á luz d'uma lampada que o doutor vio a pequena Valeria, semideitada em uma cadeira, e a creada particular da marquez adormecida profundamente em outra, a pequena distancia.

O doutor abriu as janellas, apagou a luz, encurto a marquez dava fortes abalos á creada para a despertar.

Depois aproximaram-se de Valeria, que despertara então tão tranquillamente como pallida.

— Esta menina está muito debil, disse o medico, ao mesmo tempo que notava a espantosa differença que existia entre a mãe e a filha, e emquanto agitava uma campainha acrescentou:

— Uma e outra devem antes de mais nada tomar algum alimento.

Izabel appareceu na occasião em que o doutor soltava aquellas palavras, e reparando nas pessoas estranhas mostrou em suas feições o assombro mesclado com a maior das contrariedades.

— Santo Deus! exclamou; ainda mais hospedes?!

— Assim é com effeito, respondeu o medico, deixando ver na gravidade de seu semblante quanto o desgostou o modo insolente com que a creada fizera a pergunta.

— Pois que! continuou; esta casa está agora convertida em pensada do todo o mundo? Não era já bastante o haver o menino dado franca entrada a dois mendigos, se não que viessem ainda mais estes tres?

— Insolente! exclamou o doutor; saia d'aqui no mesmo instante!

— E' ferozmente peidoar-lho, senhor; disse a marquez com deffirma. A pobrecita estará frequentemente com trabalho e com razão se exaspera ao julgar que nós ainda mais trabalho lhe vimos dar; mas não será assim: apenas desejo um pouco de leite para minha filha.

— Trarei já de almoçar para estes nove hospedes, gritou o doutor com império.

Izabel, sabendo a liberdade que na casa tinha o doutor, sahio reemungendo, e dizendo que a culpa era da senhora que tantas liberdades dava a quem as queria tomar.

Meia hora depois, diante das viajantes, fumegava excellentemente com leite, café, chocolate, e algumas das mais exquisitas fructas da estação.

A marquez não pôde comer nem tomar coisa alguma; mas Valeria, temeu, e achou se melhor pouco depois.

— Eu volto já, minha filha; disse a marquez abraçando Valeria. Se de alguma coisa careceis, ordenarás a Joanna que me chame.

Ditas estas palavras sahio, seguida do doutor, e ambos se encaminharam para os aposentos de D. Antonia.

VII

A enferma despertara, havia pouco, do sono em que jazera na maior tranquillidade durante algumas horas da noite. Na occasião em que a marquez, conduzida pelo doutor, entrava no seu aposento, dir-se-hia, a julgar pela pallidez, cadaverica quasi, que lhe cobria as feições, que se achava em um estado de agudo soffrimento. Apesar do seu estado profundamente abatido, uma só pessoa se achava

va a seu lado; era Edmunda. A formosa creança, com as costas voltadas para a porta, em pé junto ao leito, sobre o qual havia espalhado algumas flores, entretinha-se a fazer com ellas um formoso ramo.

A marqueza, ao ver aquella linda e esbelta figura, com as formosas tranças de cabellos negros destendidas pelas costas, quedou-se surpreendida e perguntou ao doutor:

— Quem é esta graciosa creatura?

— Uma ciganita, que a noite passada aqui veio pedir esmola, e que foi recolhida n'esta casa por caridade.

E dizendo isto o medico aproximou-se do leito e fez signal á marqueza para que o seguisse.

— Senhora, disse á enferma; está aqui uma dama, que foi recolhida em vosso nome por Philippe, em razão de se haver quebrado a carroagem em que ella viajava; quiz ver-vos, e dezeja lhe permittaes cuidar de vós em quanto vos achardes em estado de perigo.

D. Antonia voltou-se enristecida e murmurou:

— Agradecida, senhora.

— Sou a marqueza de Val de Flores, hespanhola, ainda que os creados de v. ex.^a me tomaram por franceza, em razão, talvez, de todos os meus creados serem francezes e por haver chegado de França; e como vejo, senhora, que só pessoas estranhas estão encarregadas de vos cuidar, permitti, tambem, que eu me occupe em aliviar-vos.

— V. exc.^a vem de França? perguntou a doente, sahindo, por um grande esforço, do seu estado de prostração. Ah! tel-a-hia visto a ella por lá?

— A quem, amiga minha?

— A minha filha, á minha Julia!

— E' possível; mas como sabel-o, se não a conheço?

— E' verdade! murmurou D. Antonia, cujo cerebro parecia haver-se estraviado com a vehemencia das impressões; mas a minha filha era tão formosa, que vista uma vez jámais se poderá olvidar.

— Falle-me de sua filha, senhora, disse a marqueza, sentando se ao lado da enferma e tomando-lhe uma das mãos entre as suas; conheço que tem o coração cheio de dôr, e por isso deve desafogar.

— Oh! é verdade! cheio de dôr, muito cheio! A pessoa alguma me é dado fallar de minha filha, de minha pobre filha a quem perdi por culpa minha!

— Tambem eu, senhora, perdi uma filha muito formosa! respondeu a marqueza; mas não foi por culpa minha que a perdi! A de v. exc.^a vou talvez ao ceo, porque Deus assim o qui-

zera, porque uma mãe, jámais perde uma filha por sua culpa.

— Perdi-a eu! exclamou com vehemencia D. Antonia. Oh! que formosa era a minha Julia, proseguiu, fixando os olhos no espaço, como se quizesse seguir uma visão que só ella via; eram louros seus cabellos, como os raios do sol que se reflectem nos vidros d'essa janella; seus olhos azues, eram como duas violetas rociadas pelo orvalho da madrugada, sua tez era côr das rozas e dos jasmims ao mesmo tempo.... Oh! que bella era a minha Julia!

Um grito penetrante da marqueza, um d'esses gritos que irrompem da alma e que os labios não podem reter, afogou a debil voz da enferma. E' que Edmunda havia n'este momento voltado a cabeça, e os olhos da viajante se haviam fixado em seu rosto.

A marqueza, com as faces cobertas d'uma extrema pallidez, levantou-se da cadeira em que se havia sentado, correu para junto da cigana, e abraçando-a freneticamente exclamou:

Filha! minha filha!... filha da minha alma! Valoria!... minha Valeria!...

(Continúa).

Revista do movimento litterario

D'entre as muitas publicações que se annunciam, a que mais deve chamar a attenção dos amadores, é pôr sem duvida a *Biblia popular illustrada, Velho e novo testamento*, pelo abbade Drioux.

Escriptor catholico, e com a honra merecida de collaborar n'esta revista, crime seria da minha parte se não levantasse um brado, do alto d'esta tribuna onde nem sempre se diz a verdade, em pro d'uma publicação que tão a proposito vem na epoca em que os agentes da sociedade biblica de Londres, espalhados por todas as cidades, villas e aldeias do nosso Portugal, fazem a mais escandalosa, a mais criminosa propaganda em menosprezo das leis e da religião do Estado.

Vem pois muito a proposito a traducção da *Biblia popular illustrada*, do sabio theologo e antigo professor do seminario de Londres e recommendal a pedir até aos nossos leitores não só que a assignam, mas até que concorram para que todas as pessoas de suas relações subscrevam para ella, é dever nosso. e um mandado da nossa consciencia.

E assim o fazemos, e depois do apelo que dirigimos a todos os nossos assignantes, e que esperamos não será em vão, estampamos em seguida o prospecto com que a empreza nos mimozcou. Eil-o:

«A Biblia, monumento eterno que não teme cataclysmos arvore frondosa que o tempo não despe, arca robusta que a tempestade não bate, thesouro inexaurivel que o braço não alcança, contém, á similhaça do livro do infinito, constellações radiantes do eterno brilho — que servem de guia ao homem em trevas e que o conduzem ao verdadeiro caminho da salvação eterna, onde terá depois o fruir dos anjos e os manjares dulcissimos que o Senhor offerce, no banquete celeste, aos que na terra aferem as acções da vida pela norma do Bem absoluto.

A Biblia é o livro de todos os tempos, é o conselheiro e as esperanças das gerações: as que caminhavam pela avenida larga e luminosa da prosperidade confiavam n'ella e exultavam; e as que baixavam a fronte pelo juço da adversidade, confiavam n'ella e choravam; mas essas exultações eram sinceras como a alegria de David em frente da Arca; e essas lagrimas eram de esperança como as de Job que confiava nas consolações da Misericordia divina. E ai d'aquelle povo que no auge da opulencia calcava os livros sanctos! era tambem recalçado e bebia toda a cicuta das humilhações supremas; e ai de aquelle chefe que nos dias de provações os desprezava como conselheiros mentirosos; via primeiro a ruína do seu lar, depois o esphacelo de seus filhos, e por ultimo, entre agonias, o approximar do vulto do remorso — trazendo n'uma das mãos a balança da justiça e na outra a espada do aniquilamento.

A Biblia, esse livro santo por excellencia, collaborado pelos illuminados da Sabedoria Divina, encorra conselhos e consolações para todos os estados e phases da vida: — é a hygiene da alma.

E n'esta época de verdadeiro esphacelo moral e combate revolucionario, em que os *espíritos criticos* tentam desvirtuar e cercear a sacrosanta arvore da religião de Jesus, que estende ao largo e desassombadamente os seus ramos frondosos, d'onde pendem os fructos da felicidade perenne; n'esta época de propaganda demolidora em que as *biblias falsas* se espalham com a profusão do mal, auxiliando talvez inconscientemente o *liberalismo* no seu plano da destruição, forçoso é que a esses livros vi-

ciados — que o anglicanismo vomita — se oppoñam os livros santos que a Igreja sanciona — que a propaganda do mal se oppoñha a propaganda do bem, e ás idéas destruidoras o da revolta — a justiça e a paz, a caridade e o amor.

É por essas razões que hoje apresentamos ao publico religioso e sensato a *Biblia popular illustrada*, cuja publicação fez sensação na França, sendo o importante trabalho do abade Dr. Oux logiado por muitas sumidades da Igreja, que o acolheram com enthusiasmo merecido, coroando-o de louvores.

A publicação da *Biblia popular illustrada*, na época actual em que os espiritos andam embotados pelo realismo francez e pelas publicações illustradas de propaganda improficua, é um verdadeiro acontecimento e um verdadeiro arrojo; mas a empreza, apesar das enormes despezas que demanda uma publicação de tal ordem, e dos attrictos que ella encontra, resolve dar á estampa a *Biblia popular illustrada*, confiada no esforço proprio e nos sentimentos religiosos do povo portuguez.

A versão é feita com a permissão do Exc.º Sr. Cardeal Bispo do Porto, o que é segura garantia de que a obra é digna do franca entrada em casa de todos os catholicos.

A publicação é feita por fasciculos de 8 paginas em excellente papel, formato em 4.º-grande e com mais de 300 gravuras, destacando-se entre ellas algumas de Gustavo Doré.

O preço de cada caderneta é de 60 reis, accrescendo o porte do correio.

Para os assignantes do *Progresso Catholico* serão distribuidas as cadernetas ás duas e sem que tenham a pagar os portes do correio. São estas as vantagens que podemos fazer, n'uma publicação que não é feita pelo editor do *Progresso Catholico*.

Os assignantes do *Progresso Catholico* podem dirigir desde já as suas subscrições a *Teixeira de Freitas — Guimarães*.

OS MARTYRES DO CHRISTIANISMO, obra publicada pela empreza do *Cura d'Aldeia* é outra publicação que recomendamos com prazer. Da leitura que fizemos dos dois primeiros fasciculos, que devemos á Empreza, não podemos tirar outra conclusão que não fosse a de que os *Martyres do Christianismo*, é um livro sublime em toda a extensão da palavra.

Guiados pelo auctor achamo-nos em

meio de Roma, d'aquella Roma dos Cezares, onde o vicio se mesclava com a maior das tyrannias; onde a devassidão campeava infrene, com todos os seus horrores; mas onde principiava já a presentir-se o aroma, esse bonifico aroma, que impregnava o ambiente exhalado por essas meigas e castas florinhas chamadas virgens christãs. Como é sublime, grandioso o quadro, que logo nas primeiras paginas se espraia ante nossos olhos, formado por duas jovens e formosas escravas, julgando-se em frente d'uma senhora altiva, como todas as patricias romanas, se encontram nos braços d'uma dama cheia de ternura e caridade que lhes falla palavras de consolação e amor, e que as leva, arrastadas por tantas provas de santa caridade, a abandonar a sua religião para se filiarem como ella, a parenta proxima do tyranno Cezar, n'aquella religião toda d'amor ensinada por Christo, e que ella a occultas professava, sem que ao marido confiasse um tal segredo, ao marido, magistrado d'alta graduação junto de Cezar, e que tambem, a occultas de sua esposa, professava a religião do Filho de Deus.

Se no decurso da obra o auctor se não desinandar do juizo que formamos pelas primeiras paginas, podemos afoutamento recomendar este livro, e agradecer aos editores a sua publicação.

Falta-nos espaço para attender a outras publicações que nos pejam a banca do trabalho, o que faremos no proximo numero.

F. DE GUIMARÃES

RETRÓSPECTO DA QUINZENA

SUMMARIO :

Os catholicos, e o episcopado de França em frente da lei Ferry; uma carta b m notavel e energicas palavras d'alguns bispos; digno proceder da imprensa. — A morte d'um regicida; clamores da imprensa liberasta. Um escripto de S. Pedro. — Recompensas merecidas. — Prova-se a ignorancia dos frades. — Uma conferencia no Gremio Popular — Apreciações erradas d'um livro impio e blasphemo.

É admiravel o aspecto da França catholica ante a lei contra as ordens

religiosas! O episcopado, unindo-se todo, e consoante as leis da Igreja e os dictames do Papa, dirige se ao governo e censura-o aspera e nobremente.

Uma grande parte dos magistrados e empregados do Estado, que devem o que são aos jesuitas, aos que foram seus mestres, resignam seus logares, protestando assim contra a prepotencia, contra o despotismo d'un governo que renova, em pleno seculo XIX, e em nome da liberdade, da egualdade e da fraternidade, os atropelamentos de todo o direito, postos em pratica pelos governos absolutos do seculo passado, quando Portugal obedecia á ferina selvageria do marquez de Pombal, d'essa hyena engaiolada nos paços dos nossos reis, e sustentada com o sangue das victimas que fazia imolar. É assim o progresso dos modernos amigos da liberdade: progredem na estrada que os leva para traz, que os arrasta para os tempos do barbarismo.

O cardeal Guibert, arcebispo de Paris, dirigiu ao presidente da republica, a seguinte carta, protestando contra os decretos de 29 de março:

«Senhor presidente: Julgo poder dizer que o espirito da moderação tem presido sempre á minha linguagem e á minha conducta. D'esta vez desculpareis se me não fôr possivel conter a expressão da minha dor. Envelheci um seculo; tenho presenciado não poucas mudanças politicas; tenho visto surgir grande numero de conflictos na nossa querida e desgraçada patria.

Um espectaculo infelizmente novo estava reservado para os meus ultimos annos; devia presenciar um partido detendo violentamente os progressos das liberdades publicas, e fazendo retrogradar o poder até ás esquecidas praticas dos systemas absolutos.

É assim que se julga dar remedio aos nossos males?

Não se receia ferir o que a França tem de mais digno de respeito, desenterrando leis que hontem pareciam impotentes.

Appella-se para uma jurisprudencia mais que duvidosa para consumir um mal certo e talvez irreparavel, para deferir aos suppostos desejos da opinião publica; contrista-se, afflige-se mais de metade da nação; invocam-se perigos imaginarios para maltratar os que poderiam ajudar a conjurar perigos verdadeiros.

Não tomarei a liberdade de dar conselhos ao governo. Se a republica quer consolidar o seu imperio entre nós, claro está que deve tomar outras medidas. Quando nos a queriam fazer amar apresentavam-na com caracteres mui diferentes.

Não devo, porém, insistir n'estas considerações politicas. Sou pastor das almas. Na diocese confiada aos meus cuidados tenho ouvido os queixumes que saiam de todos os corações christãos, e creio cumprir um dever fazendo chegar aos depositarios do poder publico o echo d'essa inquietação universal. Tempo é ainda, snr. presidente, de atalhar os males que minam a paz. Honra-se o governo que retira disposições cujo perigo se lhe apresenta. Os decretos de 29 de março não passam por enquanto de uma ameaça contra a paz publica. Se a ameaça se executar, é para temer que produza dolorosos conflictos entre a lei e a consciencia, e a França póde entrar n'um periodo de perturbações intestinas, cujo alcance ninguem póde prever.

Peço a Deus que nos evite essa desgraça e faça prevalecer nos conselhos dos que nos governam ideias de justiça, de moderação e de paz.»

O arcebispo de Tours e os bispos de Nantes, de Angers, de Marc e de Levai, dirigiram collectivamente uma carta ao presidente da republica, que termina por estas palavras:

«Em nome do clero e de todos os fieis catholicos das nossas dioceses, rogamo-vos que não ponhaes em pratica os decretos de 29 de março ultimo.

Pedimovol-o em harmonia com o direito publico francez, que não permite se imponha ás congregações religiosas, sob pena de dissolução, o que considera, pelo contrario, como um privilegio, o reconhecimento legal.

Pedimovol-os em nome da liberdade religiosa, reconhecida e proclamada por as leis e Constituições civis que regem a França; em nome dos direitos da Igreja catholica, cujas instituições e ordens religiosas approvadas por ella são d'ella parte integrante; em nome dos direitos do episcopado, que no exercicio do ministerio pastoral deve poder associar-se livremente a sacerdotes auxiliares cujo concurso lhe é indispensavel; em nome dos interesses espirituos das nossas dioceses, que, mesmo com relação ao direito de prégar, de ensinar e de dirigir as consciencias, soffrerão profundamente com a execução dos decretos de 29 de março.

Pedimovol-o para se evitar terribes conflictos e para poupar a França e o mundo inteiro ao triste espectáculo d'uma scisão cada vez mais profunda. Deus queira que as nossas supplicas sejam favoravelmente acolhidas. O futuro dirá se os nossos desejos não eram inspirados pelos interesses da religião e da patria.»

E em meio d'este mar de confusas

ideias, d'esta Babel onde todos falam sem se entenderem, apparece tambem a impressã na sua maioria revoltada contra as leis que mandaram aos jesuitas fazer as malas a abandonar a França.

Eis a lista dos periodicos de Paris, que não aceitam as medidas do governo:

«*Le Monde, L'Univers, Civilisateur, Gazette de France, L'Union, La France nouvelle, Le Paris Journal, La patrie, Le Constitutionnel, Le Soleil, Le Figaro, Le Pays, Le Parlement, La France, Le soir, La justice, Le Mot d'ordre, Le Reveil social, Le petit parisien*»

Dezenove jornaes dos mais importantes que levantam brados de indignação contra a prepotencia enfeitada com o barrete vermelho!

No dia 14 do corrente, fez o governo hespanhol cumprir a sentença que condemnava á morte o desgraçado que tentara contra a vida do joven rei Affonso XII.

Os inimigos dos reis e da liberdade, levantaram uma gritaria infernal contra o *despota*, contra o *sanguinario* filho de D. Izabel contra a *fera* que não tem coração para perdoar. Poderá! Se elles não haviam de gritar! Elles que arrastam os papalvos á borda do abysmo, não haviam querer salvá-lo?

E apontavam como um modelo de caridade e humanidade o rei Humberto, que sabe perdoar!

E' que o rei Humberto, é um inimigo do catholicismo e Affonso XII é um verdadeiro catholico, e por isso sabe melhor que aquelle as leis do Christo: *perdoar as injurias, mas castigar os que erram.*

Diz um nosso collega de Madrid, que a multidão era immensa a presenciarem o cortejo terrivel. E bom é que assim seja. Dos que assistiram ao fim do regicida nenhum, por certo, se fará reu de tal crime.

Oremos pelo desgraçado e imploremos a Deus tambem que inspire os reis e os governos para que não deixem sem castigo taes crimes, para que a Europa se não converta n'um paiz de selvagens e animaes ferozes.

No *Sabatoh*, jornal hebreu de Cons-

tantinopla encontramos a seguinte noticia, que muito deve alegrar os catholicos e os homens de sciencia:

Morreu o anno passado em Jerusalem um velho de cento e sete annos de idade, chamado Core, que vivia em uma caverna, e entre muitas moedas e papeis que demonstravam, que elle pertencia a uma rica familia de Stokolmo, encontrou-se um manuscrito sobre papiro que diz o seguinte em hebreu:

«Pedro, pescador, sectario de Jesus, filho de Deus, e continuador da sua obra, falla aos povos da terra que escutam a palavra do Senhor, segundo o amor e em nome de Deus Santissimo.»

O manuscrito está firmado d'uma maneira rara.

Eu, Pedro, em nome de Jesus, acabei de escrever a ultima palavra de amor, no anno cincoenta da minha idade, na terceira Paschoa depois da morte do meu Senhor e Mestre Jesus Christo, filho de Maria, e em casa do Belieri, escriba, perto do templo do Senhor.»

Accrescenta o mesmo jornal, que o hebreu em que está escripto é perfeito. A sociedade biblica de Londres crê que o dito documento tem todos os visos de authenticidade e por isso offereceu á familia K... de Stokolmo, herdeira do velho Core, a quantia de 20:000 libras estrelinas pela aquisição do manuscrito; mas a familia K... não o quer vender, dando, porém, á mesma sociedade o direito de o reproduzir e traduzir.

Sua Santidade, pela occasião da visita a Roma do Em.^{mo} Cardeal, Bispo do Porto, não se esqueceu dos merecimentos e serviços prestados á Igreja pelas pessoas que acompanhavam o illustre prelado portuense, dignando-se dar a todos elles uma prova de quanto sabe apreciar os altos dotes que distinguem os verdadeiros catholicos.

Da *Palavra* transcrevemos a relação dos agraciados:

«O sobrinho do S. Em.^a o Snr. Americo Ferreira dos Santos, filho do Ex.^{mo} Snr. Conselheiro Carlos dos Santos Silva, foi agraciado com o *habito da Ordem de Pio IX*; o Snr. A. de Sousa e Vasconcellos, honrado empregado superior dos caminhos de ferro e que acompanhou a S. Ein.^a como seu secretario secular, foi agraciado com o *habito de S. Gregorio Magno*; o Rev.^o Antonio José de Mesquita, Secretario da Camara Eccle-

siastica, e que acompanhou a S. Em.ª como seu Capellão. foi agraciado com o titulo de *Camareiro Secreto*; o Rev. Cenejo Manoel Ignacio da Silveira Borges, Vice-Reitor do Seminario, e que foi como secretario de S. Em.ª, foi agraciado com o titulo de *Prelado Domestico de Sua Santidade*.

Além d'estas graças conferidas ás pessoas do sequito de S. Em.ª, foi tambem agraciado com o titulo de *Camareiro Secreto de Sua Santidade* o Rev. Luiz Augusto Rodrigues Viana, pelo seu reconhecido zelo e muita dedicação como Director Espiritual do Seminario do Porto, que lho deve consideraveis e relevantes serviços.

Vamos trasladar para as columnas do *Progresso Catholico* uma noticia que prova a favor da ignorancia dos frades. Eis-a:

«*Periodico benedictino* — A ordem religiosa dos benedictinos, supprimida em França pela assemblea constituinte, subsiste na Austria onde possui alguns conventos, do qual o mais importante é o de Raigern

Diz o «*Frondeblott*» que esta ordem monastica, celebre pelos seus immensos trabalhos, deliberou fundar um jornal que será orgão de todos os religiosos benedictinos disseminados pelos mosteiros da Austria, Italia e Hespanha.

O jornal dos benedictinos conta já quarenta e tres collaborações. Será redigido em allemão e em latim. O primeiro numero impresso em Brunn, na Moravia, apparecerá no dia do anniversario do patriarcha S. Bento

E nós a julgar que os frades só se empregavam em dar largas ao abdómen, em despejar as boas adegas e praticar toda casta de maroteiras!!!

Deus nos perdoe o erro em que estavamos!

Em 10 do corrente, diz um collega da capital, teve logar a quarta conterencia do Gremio Popular, sendo orador o sr. Souza Telles, que fallou sobre—*Morte apparente—Enterramentos e Cremação*.

Nada mais natural do que o sr. Telles ir fallar sobre pontos tão importantes e que tanto devem interessar aos homens de sciencia. Mas quem os leitores saber no que o sr. Telles foi fallar? Ora leiam:

«Alludindo á vida futura, citando a propria theologia, o sr. Sousa Tel-

les applicou a sciencia ás penas eternas e á mansão celeste, mostrando que era impossivel a existencia do inferno, não devendo os espiritos fracos preoccuparem-se com semelhante absurdo! O illustre orador definindo a rapidez do tempo, demonstrou que Deus não é capaz de reservar para o homem tão horroroso castigo. Referiu-se á pequenez do globo que habitamos, citando para isso, authoridades incontestaveis, e mostrou depois que entre Deus e o homem não podia haver comparação possivel.

O sr. Sousa Telles negou em absoluto a existencia do inferno, e discorrendo tão *sensato* como *proficientemente* ácerca do assumpto, citou o marquez de Sá da Bandeira, benemerito da humanidade, que conseguira abolir a escravatura entre nós, e que Deus, sendo como effectivamente é, infinito e misericordioso, não poderia fazer menos que o marquez de Sá, e que os governos liberaes tem feito até hoje em favor do homem, e da sua liberdade e direitos!

Essa é boa, sr. Telles! Se o sr. marquez de Sá da Bandeira aboliu a escravatura, Deus, que de certo havia de importar-se muito com o tal marquez, tambem havia de abolir o inferno. Esteja descansado! E lembramos ao sr. Telles uma cousa: — que mande o «*Diario do Governo*» para o Ceo para que Deus aprenda a fazer leis pelas leis dos governos liberaes.

Sempre estes patuscos toem partidas! Olhem os leitores se já se viu em tempo algum dislatar com tanta proficiencia!

Os nesses parabens ao sr. Telles.

Ora vá a gente dar credito ás apreciações dos jornaes ácerca das obras litterarias. O sr. A., folhetinista do «*Jornal do Porto*», fallando de um livro de versos escripto por Narcizo de Lacerda, e editado pelo sr. Ernesto Chardron, com o titulo de *Canticos da Aurora*, diz o seguinte:

«Agora não tenho espaço nem mesmo tempo para fallar desenvolveadamente das poesias de Narcizo de Lacerda. Entretanto dir-lhes-hei que ha nos seus versos o accento convicto d'uma alma crente, d'um espirito superior, uma suavidade, uma singeleza de expressão, uma expontaneidade de versificação a que realmente estamos pouco acostunados.»

O leitor ao ler as palavras d'uma *alma crente*, fica desde logo a julgar

que os *Canticos da Aurora*, são uns versos repassados de mysticismo, e vac. ao passar aos Clerigos, comprar o livro a casa do livreiro Chardron. Mas, principia a ler, e dá com os seguintes versos, dirigidos aos padres:

«Buscai, buscai um Deus que vos proteja;
Pintai-o nos paineis da vossa igreja;
Insufflai-lhe um só verbo: — a Omnipotencia.

Não nos assustareis. — Á humanidade
Basta um unico templo: o da verdade;
Basta um unico deus: a Consciencia.»

Já veem que destoam por completo do juizo que fizeram pelo juizo do sr. A.

Mas lá vac mais, e isto agora é a blasfemia guindada ao ultimo degrau. Ora leiam os seguintes versos dirigidos a Christo:

«Se eras filho de Deus, se tua essencia
Não foi igual a nossa, mas divina;
Se uma ancã nova, ou força peregrina
Te avassallava o imo da consciencia;

Se em vão batia a onda da inclemencia
N'essa alma intemerata e crystallina,
Sem ser mister o escudo da paciencia,
— Unico deo que os tristes illumina;

Se podias retirar a humanidade
Sem ter vertido um globulo de sangue,
E dar-lhe vida sem perder a vida;

Se eras um deus, e tendo a Immensidade
Por tua, dê-te á cruz o corpo exangue,
Então não foste heroe; — foste suicida.»

Que tal!

Estes meninos desde que deram em imaginar que Deus faz leis consoante as ideias do marquez de Sá da Bandeira, não ha quem os ature na asneira.

Os tacs *Canticos de Aurora*, se fomos ricos compravamos d'elles toda a edição ao editor o sr. Chardron e faziamos uma fogueira com elles em dia de S. João. Isso faziamos!

J. DE FREITAS.